Revista Círculo Piaga

Nº7- Julho/2026

As Águas guardam Memórias Sagradas

REVISTA CÍRCULO PIAGA

Direção Geral, Edição e Diagramação: Dom Rafael Nolêto
Textos desta edição: Dom Rafael Nolêto
Capa: Composição inspirada no primeiro contato de D. Rafael Nolêto com a imagem da Cabocla Mariana, no altar de sua tia-avó.
Esta publicação é uma iniciativa da Associação Círculo Piaga, com o selo editorial da Biblioteca da Vila Pagã.
Contato: rafaellugh@gmail.com
Jornalista Responsável: Rafael Nolêto (DRT 1836 PI)

Sumário

03. Editorial.
04. A Hierarquia da Criação:
06. Quando o adversário se torna um mestre.
08. O Silêncio Também Fala.
10. Mururé: os cabelos das águas.
12. Quando o Mar Encontra o Rio.
14. Sinoapytanga: o Barba-Ruiva das águas Piagas.
18. Cabocla Mariana: a Bela Turca que navega entre mundos.

Realização:

TRADIÇÃO, NATUREZA, FÉ E MAGIA
VILA PAGÃ

BIBLIOTECA DA VILA PAGÃ

DEVOTIO, NEXUS ET ACTIO

Editorial

Salve Nobres almas!

Há momentos em que a vida parece correr como um rio tranquilo, permitindo que enxerguemos com clareza suas margens e o caminho adiante. Em outros, as águas se agitam, o curso se modifica e somos obrigados a aprender novamente a navegar. É sobre esses movimentos, transformações e mistérios que construímos a edição de julho de 2026 da Revista Círculo Piaga.

Neste mês em que celebramos a Neptunália, voltamos nosso olhar para as águas não apenas como elemento da Natureza, mas como uma das mais antigas imagens da própria existência. A água acolhe e arrasta, alimenta e transforma, guarda memórias e abre caminhos. Talvez por isso tantas culturas tenham encontrado nela morada para deuses, espíritos e encantados.

Começamos refletindo sobre A Hierarquia da Criação, reconhecendo que diversidade não significa desordem e que cada ser possui dons, capacidades e responsabilidades dentro do grande organismo da existência.

Também olhamos para nossas relações humanas. Em Quando o adversário se torna um mestre, reflito sobre pessoas que atravessam nossa jornada nem sempre para permanecer, mas para provocar aprendizados. Já em O Silêncio Também Fala, encontramos outra necessidade de nosso tempo: diminuir o ruído exterior para conseguirmos escutar aquilo que acontece dentro de nós.

Esta edição fala, portanto, de movimento. Algumas vezes precisamos resistir à correnteza; em outras, compreender que chegou a hora de permitir que as águas nos conduzam para outro lugar. Não controlamos todas as tempestades, mas podemos aprender a navegar melhor depois de cada uma delas.

Esta revista integra um trabalho maior de pesquisa, preservação cultural, produção de conhecimento e fortalecimento do Paganismo Brasileiro. Manter essas iniciativas, assim como as atividades da Vila Pagã, depende também da colaboração daqueles que acreditam neste trabalho. Contribuições ajudam a manter nossas ações, publicações, espaços e projetos em movimento.

Que esta edição encontre você em qualquer ponto de sua travessia. E, caso as águas estejam agitadas, lembre-se: nem sempre perder de vista a margem significa estar perdido. Algumas viagens somente revelam seu destino depois que aprendemos a confiar na própria capacidade de navegar. Boa leitura!

Dom Rafael Nolêto

Sacerdote Piaga

A Hierarquia da Criação:

Uma reflexão piaga sobre diversidade, responsabilidade e o lugar de cada ser na grande teia da existência.

Vivemos numa época em que qualquer distinção costuma ser confundida com desigualdade injusta. Tornou-se comum imaginar que reconhecer diferentes funções, capacidades ou responsabilidades entre os seres significa diminuir o valor de alguns em benefício de outros. Entretanto, basta voltar os olhos para a própria Natureza para perceber que ela jamais foi construída sobre a uniformidade.

Nenhuma floresta existe porque todas as árvores possuem a mesma altura; nenhum rio corre porque todas as pedras possuem o mesmo tamanho; nenhum ecossistema permanece vivo porque todos os seus habitantes exercem exatamente a mesma função. A própria vida prospera justamente porque cada elemento ocupa um lugar específico dentro de uma ordem maior.

O Piaganismo contempla essa realidade como expressão da sabedoria dos Deuses. O universo manifesta-se através da diversidade! Existem divindades ligadas ao Sol e outras às águas profundas; algumas inspiram a guerra, outras a fertilidade, outras ainda o conhecimento, a música, a caça ou os ventos. Nenhuma delas existe para substituir as demais.

Cada uma manifesta uma potência própria e, juntas, sustentam a harmonia do mundo. O mesmo acontece entre os seres humanos. Ninguém nasce chamado para realizar exatamente a mesma missão que outra pessoa. Uns possuem maior capacidade para ensinar; outros para construir; alguns lideram naturalmente; outros preservam a memória; há aqueles que curam, os que cultivam a terra, os que protegem a comunidade, os que criam beleza por meio da arte ou fortalecem os vínculos entre as pessoas. Quando cada um desenvolve sua vocação, toda a comunidade se fortalece.

A igualdade verdadeira reside na dignidade compartilhada de todos os seres, não na uniformidade de suas funções. O carvalho não é melhor que o musgo; a águia não é mais importante que a abelha; o rio não vale mais que a nascente. Cada qual desempenha um papel insubstituível dentro da grande ordem natural e retirar qualquer um desses elementos compromete o equilíbrio do conjunto.

Essa compreensão também nos convida à humildade: reconhecer que alguém possui maior experiência, conhecimento ou responsabilidade em determinada área não representa submissão cega, mas respeito pela maturidade conquistada. Da mesma forma, exercer liderança não significa privilégio, e sim serviço.

Quanto maior a responsabilidade, maior também o dever de cuidar daqueles que caminham ao seu lado.

Nas antigas tradições politeístas, a hierarquia nunca foi apenas uma estrutura de poder; era sobretudo uma estrutura de responsabilidade. Reis respondiam diante dos Deuses; sacerdotes eram guardiões da tradição; anciãos preservavam a memória; guerreiros protegiam o povo; agricultores alimentavam a comunidade. A honra de cada função dependia do compromisso com o bem comum e a Natureza nos recorda continuamente esse princípio: o rio alimenta a floresta, a floresta protege o solo, o solo nutre as sementes, as sementes sustentam os animais, e todos dependem da luz do Sol para continuar existindo.

Há diferenças de forma, de força e de função, mas nenhuma existência é isolada. A hierarquia da criação não separa; ela conecta.

Talvez um dos maiores desafios do nosso tempo seja redescobrir essa sabedoria. Não fomos chamados para competir por um mesmo lugar, mas para descobrir qual é o lugar que somente nós podemos ocupar. Quando cada ser encontra sua verdadeira vocação e a coloca a serviço da comunidade e da Terra, a ordem do mundo deixa de parecer uma disputa e revela sua verdadeira natureza: uma grande teia de relações, onde cada existência possui valor, propósito e responsabilidade.

Quando o adversário se torna um mestre

Ao longo da minha caminhada como sacerdote, fundador de uma comunidade e pesquisador da espiritualidade brasileira, aprendi uma lição que jamais encontrei pronta nos livros: algumas das pessoas que mais contribuíram para o meu amadurecimento não foram aquelas que mais admirei; pelo contrário: muitas vezes, foram justamente aquelas que mais me decepcionaram.

Confesso que, durante muito tempo, enxerguei essas experiências apenas como obstáculos. Quando alguém quebrava minha confiança, abandonava projetos importantes ou respondia com ingratidão a um esforço sincero, minha primeira reação era perguntar aos Deuses por que aquela pessoa havia cruzado o meu caminho. Com o passar dos anos, porém, compreendi que a pergunta correta era outra: **o que essa experiência veio me ensinar?**

O Piaganismo nos convida a observar a Natureza, porque nela encontramos verdades curiosas. Por exemplo, vemos que nem toda árvore cresce protegida do vento; algumas tornam-se mais resistentes justamente porque enfrentaram as tempestades; o atrito fortalece suas raízes e a dificuldade modifica sua estrutura. O mesmo acontece conosco e isso não significa romantizar relações destrutivas.

Existe uma enorme diferença entre aprender com alguém e permanecer preso a essa pessoa. Há indivíduos que entram em nossa vida apenas para cumprir uma pequena parte da jornada. Sua missão talvez nunca tenha sido caminhar ao nosso lado até o fim, mas **provocar uma transformação** que dificilmente ocorreria de outra maneira.

Reconheço que vivi situações em que precisei ajudar pessoas pelas quais eu já não nutria admiração. Pessoas cujas escolhas eu não compartilhava, cujas atitudes frequentemente me frustravam e que, por vezes, retribuíam dedicação com indiferença. Ainda assim, em determinados momentos, percebi que eu possuía condições de oferecer uma palavra, um conselho ou uma oportunidade que talvez ninguém mais pudesse oferecer. Nessas ocasiões, descobri algo importante: ajudar alguém não exige afinidade, exige consciência.

Fazer o bem não depende de gostar da pessoa, mas de compreender qual é o nosso dever diante daquela circunstância. Às vezes, nossa contribuição será decisiva para o crescimento de alguém. Outras vezes, será apenas uma pequena semente lançada ao solo. Não nos cabe controlar quando ou se ela germinará.

Os Deuses nem sempre enviam apenas companheiros de jornada. Às vezes, enviam tempestades.

Também aprendi que a generosidade não elimina a necessidade de limites. Há relações que precisam ser encerradas para que ambas as partes possam continuar evoluindo. Permanecer indefinidamente onde existe manipulação, desrespeito ou exploração não representa compaixão; muitas vezes representa apenas incapacidade de reconhecer que os ciclos terminam.

Na Natureza, as águas seguem seu curso; as folhas caem quando chega o tempo; as serpentes trocam de pele; os rios não retornam para buscar cada pedra que deixaram para trás e a própria vida nos ensina que crescer implica aprender a despedir-se.

Talvez essa seja uma das maiores lições que os Deuses oferecem por meio das pessoas difíceis. Essas pessoas revelam nossas virtudes, mas também nossas fragilidades. Elas nos mostram onde ainda somos impacientes, orgulhosos, ingênuos ou excessivamente confiantes. Funcionam como espelhos que dificilmente escolheríamos diante de nós.

Hoje compreendo que alguns dos meus maiores mestres jamais ocuparam um altar em minha memória. Alguns sequer sabem o quanto influenciaram minha caminhada. Foram justamente aqueles que desafiaram minhas convicções, testaram meus limites e me obrigaram a desenvolver discernimento. A eles não devo submissão nem convivência permanente; devo apenas o reconhecimento de que, sem perceber, colaboraram para que eu me tornasse alguém mais preparado para cumprir minha própria missão.

Os Deuses nem sempre enviam apenas companheiros de jornada. Às vezes, enviam tempestades. E, quando aprendemos a navegar por elas, descobrimos que até os ventos contrários podem nos conduzir ao destino certo.

O Silêncio Também Fala

Na quietude das matas, descobrimos que a Natureza nunca esteve em silêncio. É o nosso interior que precisava aprender a escutar.

Durante muito tempo imaginei que o silêncio fosse simplesmente a ausência de barulho. Bastava desligar a televisão, afastar-me do celular ou procurar um lugar distante da cidade. Hoje percebo que estava enganado.

Já caminhei inúmeras vezes pelas trilhas da Vila Pagã logo ao amanhecer. Em alguns desses dias, não havia nenhuma conversa ou cerimônia, nenhuma música, apenas o vento passando pelas folhas dos babaçuais, o canto distante de um pássaro e o movimento quase imperceptível dos insetos entre a vegetação.

Curiosamente, nunca encontrei silêncio absoluto; encontrei vida. Foi então que compreendi que o silêncio verdadeiro não consiste em eliminar os sons da Natureza, mas em diminuir o ruído que carregamos dentro de nós. Vivemos cercados por notificações, vídeos curtos, mensagens instantâneas, opiniões que se acumulam a cada minuto e uma permanente sensação de urgência.

Nosso corpo pode até permanecer parado, mas nossa mente raramente descansa. Tornamo-nos especialistas em ouvir tudo, exceto aquilo que realmente importa.

Os antigos sacerdotes, xamãs, druidas, pajés e filósofos compreendiam algo que estamos lentamente esquecendo: antes de responder às grandes perguntas da existência, era necessário aprender a permanecer em silêncio.

Digo isto não porque os Deuses falassem mais alto, mas porque nós falávamos menos.

No Piaganismo, a contemplação da Natureza nunca foi apenas um recurso estético, ela constitui uma prática espiritual. Quando caminhamos lentamente por uma mata, observamos uma fogueira, acompanhamos o fluxo de um rio ou simplesmente permanecemos alguns minutos olhando o céu, não estamos fugindo da realidade, estamos retornando a ela.

É nesses momentos que percebemos detalhes que normalmente passam despercebidos: o perfume da terra depois da chuva, o voo sincronizado das aves, a delicadeza de uma folha recém-nascida, o ritmo constante das cigarras e a luz atravessando as copas das árvores.

A Natureza jamais deixou de ensinar, nós é que deixamos de escutá-la.

Talvez por isso tantas pessoas sintam uma paz difícil de explicar quando visitam a Vila Pagã pela primeira vez. Muitos imaginam que exista algum mistério escondido naquele lugar. Na verdade, talvez o maior encanto seja justamente a oportunidade de experimentar algo raro em nosso tempo: alguns instantes de presença verdadeira: sem pressa, sem competição e sem a necessidade de provar nada para ninguém.

O silêncio também possui outra virtude pouco comentada: ele revela quem realmente somos. Enquanto estamos ocupados falando, dificilmente ouvimos nossas próprias perguntas. Quando finalmente silenciamos, começam a surgir os medos, os desejos, as lembranças, os sonhos esquecidos e até as respostas que procurávamos havia muito tempo.

Por isso o silêncio nem sempre é confortável, porque ele desmonta as distrações. Mas é justamente por isso que o silêncio também cura.

Na tradição piaga, acreditamos que toda transformação começa por um momento de escuta. Antes da palavra, existe a atenção. Antes da ação, existe a contemplação. Antes da mudança, existe a coragem de permanecer alguns instantes diante de nós mesmos. Os Deuses continuam manifestando sua presença por meio do vento, da água, do fogo, das árvores, dos animais e dos ciclos da Terra. A questão nunca foi se eles deixaram de falar. A verdadeira pergunta é outra: ainda sabemos escutar?

Experimente

1. Reserve quinze minutos.
2. Deixe o celular desligado.
3. Sente-se próximo a uma árvore, observe uma fogueira ou caminhe lentamente por um ambiente natural.
4. Não procure respostas.
5. Não faça pedidos.
6. Não recite nenhuma oração.
7. Apenas escute.
8. Talvez você descubra que o silêncio nunca esteve vazio.

Descubra a atmosfera sonora do Templo Piaga

Ouça gratuitamente o álbum **Vozes do Eixo** nas principais plataformas digitais.

Inspirado nos sons, na espiritualidade e na atmosfera contemplativa do Templo Piaga, o álbum reúne composições criadas para favorecer meditação, contemplação, leitura, rituais e momentos de conexão com a Natureza.

Disponível no YouTube, Spotify e Palco MP3.

Mururé: os cabelos das águas

Uma planta que flutua entre Homens e Encantados

Flutuando serenamente sobre lagos, igarapés e águas de pouca correnteza, o mururé (*Pistia stratiotes L.*) parece uma pequena rosa verde pousada sobre a superfície. Também conhecido como alface-d'água, flor-d'água, repolho-d'água, mururé-pajé e erva-de-santa-luzia, pertence à família *Araceae* e possui folhas aveludadas dispostas em roseta, enquanto suas longas raízes permanecem submersas. Em algumas tradições populares, sua aparência delicada e suas raízes flutuantes favoreceram nomes poéticos relacionados às entidades aquáticas, como cabelo-de-sereia e cabelo-de-mãe-d'água.

Talvez seja justamente essa existência entre dois mundos que explique parte de seu fascínio. O mururé não finca suas raízes no chão como a maioria das plantas: ele se deixa conduzir pelas águas. Na leitura espiritual piaga, essa característica permite compreendê-lo como planta de movimento, sensibilidade, beleza, purificação e adaptação, especialmente apropriada aos mistérios celebrados durante a Neptunália.

Nas religiões afro-brasileiras, encontramos importantes precedentes litúrgicos. No Candomblé, a alface-d'água é conhecida como òjúoró e integra o conjunto das folhas sagradas. Há registros de seu emprego em *àgbo*, banhos de purificação e cerimônias iniciáticas, inclusive relacionadas à cabeça e à recomposição das forças espirituais. As atribuições podem variar entre linhagens e casas: há tradições que a relacionam a Oxum, enquanto outras a aproximam de Iemanjá, justamente por sua natureza aquática. Registros tradicionais também mencionam seu emprego em obrigações, lavagem ritual e banhos. No Piaganismo, não precisamos copiar esses fundamentos para reconhecer o ensinamento que carregam. Inserido em nossa própria cosmologia, o mururé pode ser compreendido como uma planta intimamente relacionada às potências das águas e ao Povo do Fundo.

Sua presença sobre rios e lagoas evoca as Mães-d'Água, sereias, botos e Caruanas, bem como os muitos encantados que, nas tradições brasileiras, habitam ou atravessam o mundo submerso. Durante a Neptunália, sua imagem harmoniza-se especialmente com os mistérios de Netuno e com a presença dos encantados aquáticos incorporados à experiência religiosa piaga.

Magicamente, sua própria morfologia oferece uma linguagem simbólica extraordinária. Flutuar sem afundar ensina resistência emocional; deixar-se mover pela água sem perder a própria forma fala de adaptação; suas raízes suspensas lembram aquilo que permanece oculto sob nossas aparências; e sua roseta verde, semelhante a uma flor aberta sobre o espelho d'água, associa-se à beleza que nasce da serenidade. Por isso, dentro de uma elaboração litúrgica piaga, pode representar purificação, renovação emocional, intuição, beleza, encantamento e capacidade de atravessar períodos de mudança.

Sua importância, entretanto, não se limita ao campo religioso. A etnofarmacobotânica registra uma diversidade impressionante de usos populares.

O mururé consegue retirar e acumular elementos presentes na água, razão pela qual vem sendo estudado para fitorremediação de ambientes aquáticos. Para o olhar piaga, é difícil não perceber a bela correspondência entre ciência e símbolo: uma planta tradicionalmente relacionada à limpeza espiritual é, biologicamente, capaz de participar de processos de remoção de contaminantes da própria água.

Mas justamente essa capacidade exige responsabilidade. Plantas retiradas de águas contaminadas podem acumular poluentes, e a *Pistia stratiotes* possui cristais de oxalato de cálcio. Por isso, seu uso medicinal interno ou alimentar não deve ser improvisado.

O mururé nos deixa, portanto, uma mensagem interessante: nem tudo aquilo que possui raízes precisa permanecer imóvel. Há momentos em que sobreviver significa flutuar, deixar a correnteza conduzir-nos e conservar, mesmo durante a travessia, aquilo que somos. Talvez seja por isso que seus longos "cabelos" submersos pareçam pertencer às Mães-d'Água: enquanto suas folhas recebem a luz do Sol, suas raízes continuam mergulhadas no mistério.

Quando o Mar Encontra o Rio

Da Roma Antiga às águas encantadas do Brasil, a Neptunália lembra que toda tempestade também conduz à transformação.

Quando penso na Neptunália, gosto de imaginar uma cena ocorrida há mais de dois mil anos. Em pleno verão romano, quando o calor castigava plantações, rios diminuíam seu volume e a água tornava-se um bem precioso, homens e mulheres reuniam-se para honrar Netuno. Não conhecemos todos os detalhes daquela celebração, mas sabemos que ela acontecia por volta de 23 de julho, durante o período mais quente do ano. As antigas fontes romanas registram que eram erguidas cabanas feitas de galhos e folhagens (*as umbrae*) sob as quais as pessoas se reuniam para celebrar, compartilhar alimentos e pedir a proteção do deus das águas. Jogos públicos também faziam parte da festividade.

Embora hoje Netuno seja lembrado principalmente como senhor dos mares, sua devoção em Roma também estava ligada às águas que sustentavam a vida: rios, nascentes, irrigação, navegação e a esperança de superar a seca do verão. Para pescadores, comerciantes que dependiam das embarcações e populações que viam nos terremotos e nas grandes forças da Natureza manifestações do poder das águas, celebrar Netuno significava renovar a confiança de que, mesmo diante das incertezas, existia uma ordem capaz de conduzir o mundo.

Séculos passaram, Impérios desapareceram, as antigas cidades mudaram de rosto. Entretanto, a Neptunália continua viva, não exatamente igual, mas fiel ao seu espírito.

Quando começamos a celebrar a Neptunália no Círculo Piaga, muito antes da consolidação da Vila Pagã, sabíamos que não faria sentido simplesmente reproduzir uma cerimônia romana. Toda tradição viva dialoga com o lugar onde floresce. Assim como um rio muda sua paisagem sem deixar de ser rio, uma celebração também encontra novos significados quando atravessa diferentes culturas.

Foi exatamente isso que aconteceu. Às águas de Netuno vieram somar-se as águas encantadas do Brasil. As sereias passaram a dividir espaço com as antigas ninfas, as Mães-d'Água trouxeram consigo os mistérios dos rios brasileiros.

Akankuyã, o lendário Cabeça de Cuia, tornou-se um dos guardiões dessas correntezas espirituais. Sinoapytanga, o Barba-Ruiva da Lagoa de Parnaguá, passou a navegar ao lado desse antigo culto.

A Cabocla Mariana, os botos encantados e tantos outros seres do chamado "Povo do Fundo" encontraram seu lugar nessa mesma corrente ancestral.

Não se trata de substituir uma tradição por outra, mas de reconhecer que as águas nunca pertencem a um único povo. As águas percorrem continentes, unem culturas e carregam memórias muito mais antigas do que qualquer civilização.

Talvez seja justamente por isso que a Neptunália sempre desperte emoções tão intensas em nossa comunidade.

As águas possuem uma linguagem própria. Ao invés de conservar as coisas imóveis, as águas purificam, transformam, nutrem, conduzem e seguem adiante.

Ao longo da vida, todos nós enfrentamos momentos em que nos sentimos como marinheiros perdidos em alto-mar. A tempestade cobre completamente o céu, as estrelas desaparecem, os mapas deixam de fazer sentido e já não conseguimos enxergar terra firme. São momentos em que o vento parece soprar contra qualquer direção que escolhemos. Nessas horas, descobrimos uma das maiores lições que a Neptunália pode oferecer: quando não conseguimos mais encontrar referências do lado de fora, somos convidados a voltar o olhar para dentro.

A verdadeira bússola talvez nunca tenha estado nas mãos, sempre esteve no coração. É justamente nas grandes travessias que aprendemos a confiar, na convicção de que os Deuses continuam conduzindo nossa embarcação mesmo quando não conseguimos enxergar o destino.

Quantas vezes, olhando para trás, percebemos que justamente os períodos mais difíceis foram aqueles que mais nos ensinaram?

A perda nos tornou mais sensíveis, o medo nos ensinou prudência, a solidão fortaleceu nossa autonomia e as mudanças inesperadas ampliaram nossa capacidade de adaptação. A tempestade não existe para nos destruir, ela nos prepara para navegar em mares maiores. Nenhum marinheiro se torna experiente atravessando apenas águas tranquilas.

É enfrentando ondas altas, ventos contrários e noites sem estrelas que aprendemos a reconhecer o verdadeiro valor da coragem.

Por isso, a Neptunália não é apenas uma festa das águas, mas uma celebração da confiança, de esperança e da capacidade humana de continuar remando mesmo quando ainda não consegue ver o porto.

Existe uma verdade que somente quem já atravessou grandes tempestades conhece: os Deuses raramente acalmam o mar apenas para facilitar nossa viagem. Muitas vezes, eles utilizam o próprio mar para formar navegadores melhores.

E quando finalmente alcançamos terra firme, compreendemos que o maior presente nunca foi o porto, e sim a pessoa em que nos transformamos durante a travessia.

Neptunália ontem e hoje

Roma Antiga

- Celebrada em 23 de julho, durante o auge do verão.
- Honrava Netuno como divindade das águas.
- Cabanas de ramos (*umbrae*) protegiam os participantes do calor.
- Jogos, confraternização e banquetes faziam parte da festividade.

Neptunália Piaga

- Celebra a força transformadora das águas.
- Integra Netuno às tradições espirituais brasileiras.
- Honra as Mães-d'Água, Akankuyã, Sinoapytanga, Cabocla Mariana, os botos encantados e o Povo do Fundo.
- Convida à purificação, à renovação emocional e à confiança durante as travessias da vida.

Sinoapytanga: o Barba-Ruiva das Águas Piagas

Da Lagoa de Parnaguá emerge um dos mais antigos encantados piauienses. Entre abandono, transformação e águas profundas, o Piaganismo reconhece nele uma potência ancestral ligada ao amor ferido, à memória e aos mistérios submersos.

No extremo sul do Piauí existe uma lagoa em torno da qual gerações aprenderam a contar histórias. A Lagoa de Parnaguá é grandiosa e, no imaginário popular, suas águas guardam luzes, vozes, encantamentos e a presença de um ser que atravessa as idades de um homem no espaço de um único dia. Pela manhã, menino. Mais tarde, jovem de barba avermelhada. Quando o dia envelhece, velho de longas barbas brancas. É o Barba-Ruiva, a quem, na tradição teológica piaga, chamamos *Sinoapytanga*. A relação entre ele e a Lagoa de Parnaguá é antiga. Em 1873, o escritor Gustavo Barroso, ao descrever a região, registrava tanto as dimensões da lagoa (então estimadas em cerca de 15 quilômetros de comprimento por 5 de largura) quanto narrativas populares associadas à sua formação e a um infanticídio. Numa dessas versões antigas, a criança morta vagaria pela lagoa na forma de um velho de barbas brancas, sentado sobre uma vasilha de ouro.

O dado é importante porque demonstra que elementos fundamentais do mito circulavam no Piauí pelo menos desde o século XIX.

A versão posteriormente consagrada por Luís da Câmara Cascudo tornou-se uma das mais difundidas. Nela, nas Salinas, na extremidade leste de Parnaguá, vivia uma viúva com três filhas. A mais jovem engravidara de um rapaz que morrera antes de poder desposá-la. Envergonhada, deu à luz escondida no mato e colocou o recém-nascido dentro de um tacho de cobre, lançando-o às águas. Uma Mãe-d'Água resgatou a criança e, enfurecida, fez as águas crescerem continuamente até cobrirem matas e caminhos, formando a grande lagoa encantada.

Depois disso, ouvia-se durante a noite o choro de uma criança vindo do fundo. Com o passar do tempo, começaram as aparições. O menino transformava-se, ao longo do dia, no homem de barba ruiva e posteriormente no ancião de barba branca.

Não precisamos rejeitar narrativas; mas compreendê-las como testemunhos de uma época e de determinada visão religiosa.

Cascudo registra ainda que ele procurava as mulheres que frequentavam a lagoa, sobretudo lavadeiras, tentando abraçá-las e beijá-las, enquanto evitava os homens. Apesar do temor provocado por sua aparição, a própria narrativa ressalta que o Barba-Ruiva não fazia mal às pessoas.

Há outra vertente preciosa para compreendermos a dimensão do mito. Em *Miridan*, obra de Bugyja Britto publicada em 1960, a narrativa ganha contornos indígenas. Miridan lança o filho recém-nascido às águas do rio Paraim; a Natureza então se revolta, e a formação da lagoa assume dimensões cósmicas. Nessa versão, o menino torna-se venerado pelos Acaroás e aparece como um ser sagrado, relacionado aos bons e maus tempos.

O relato transforma significativamente a personagem: já não estamos apenas diante de uma assombração aquática, mas de uma entidade relacionada ao destino, às águas e à sacralidade do território.

Essas diferenças são fundamentais. O folclore não é um texto imóvel. Cada geração recebe uma história, modifica alguns de seus elementos e devolve-a à comunidade. Mãe-d'Água, abandono, transformação, encantamento, maternidade, desejo, água e passagem do tempo vão se reorganizando, mas permanecem reconhecíveis através das versões.

Há ainda uma camada cristianizada bastante evidente no registro de Cascudo: o Barba-Ruiva seria um "pagão" condenado ao encantamento e somente poderia ser libertado se uma mulher corajosa derramasse água benta sobre sua cabeça e utilizasse um rosário.

Para o olhar piaga, esse detalhe merece uma leitura crítica. A ideia de que um ser encantado precisa abandonar sua condição pagã para alcançar libertação diz muito sobre o ambiente religioso em que determinadas versões foram transmitidas. Não precisamos rejeitar o registro histórico; precisamos compreendê-lo como testemunho de uma época e de determinada visão religiosa.

É justamente nesse ponto que começa a interpretação piaga de *Sinoapytanga*.

No Piaganismo, não consideramos *Sinoapytanga* um espírito imperfeito aguardando conversão. Nós o reconhecemos como uma potência autóctone das águas, cuja identidade religiosa contemporânea foi construída a partir desse antigo complexo de narrativas da Lagoa de Parnaguá. Essa compreensão pertence à teologia piaga e não deve ser confundida com aquilo que Câmara Cascudo ou os narradores populares necessariamente afirmavam sobre o Barba-Ruiva.

Há algo profundamente comovente em sua história: antes de ser o homem que procura mulheres às margens da lagoa, *Sinoapytanga* é a criança que foi rejeitada.

Antes de ser o encantado temido, foi aquele que não recebeu o amor que deveria tê-lo acolhido.

Talvez seja justamente por isso que, na compreensão piaga, sua potência possa ser relacionada aos corações partidos. *Sinoapytanga* conhece simbolicamente a experiência da ausência, da rejeição e do desejo de encontrar no outro aquilo que lhe foi negado. Seu movimento diário (criança, homem e velho) pode ser lido como uma vida inteira repetida incessantemente sobre as águas: nascer, desejar, envelhecer e recomeçar.

Por isso recorremos a ele para atravessar aquilo que permanece depois que um amor termina; para sobreviver à rejeição; para compreender ausências; para recuperar a própria dignidade quando alguém parte e para aprender que um coração ferido também pode continuar navegando.

Sinoapytanga pertence aos mistérios das águas interiores. Diferentemente das divindades oceânicas, sua morada é uma lagoa. E a lagoa possui outra linguagem: recebe águas, conserva sedimentos, guarda aquilo que nela cai. Torna-se, portanto, uma poderosa metáfora da memória.

Quantas coisas também permanecem depositadas dentro de nós? Palavras que nunca pronunciamos; pessoas das quais ainda sentimos falta; amores interrompidos; mágoas que imaginávamos esquecidas; histórias familiares das quais conhecemos apenas fragmentos. Como a Lagoa de Parnaguá, carregamos profundidades que não podem ser percebidas observando somente a superfície. Talvez por isso *Sinoapytanga* seja também uma divindade do submerso: não apenas daquilo que está debaixo da água, mas daquilo que permanece escondido dentro da memória de uma pessoa e de um povo.

E sua própria lagoa continua ensinando sobre transformação. Registros históricos descrevem sua expansão; em tempos recentes, entretanto, a Lagoa de Parnaguá enfrentou uma redução dramática de suas águas, chegando a secar completamente em 2015.

A paisagem do mito também se tornou uma paisagem de alerta ambiental. Preservar Sinoapytanga no imaginário não pode estar separado de preservar as águas às quais sua memória está ligada.

Quando celebramos Netuno e as potências aquáticas que se agregaram à nossa experiência religiosa no Brasil, *Sinoapytanga* ocupa um lugar muito especial. Ele recorda que não precisamos procurar todos os nossos deuses além-mar. Algumas divindades nasceram das águas que brotam da nossa própria terra, dos medos de nossos antepassados, das histórias contadas pelas mulheres à beira das lagoas e da tentativa humana de explicar aquilo que a razão jamais conseguiu abarcar completamente.

Sinoapytanga continua mudando de rosto: menino quando nasce o dia; homem quando o Sol amadurece; ancião quando chegam as sombras.

Essa mudança ocorre porque as águas sabem que nada permanece igual para sempre: nem a lagoa. nem o amor, nem a dor e nem nós.

Cabocla Mariana: a Bela Turca que navega entre mundos

Das encantarias do Norte brasileiro à experiência religiosa piaga, Mariana atravessa mares, matas e gerações como uma das grandes figuras femininas das águas encantadas.

Minha primeira lembrança da Cabocla Mariana não nasceu de um livro de folclore ou de uma pesquisa acadêmica. Nasceu diante de um congá, em Caxias, no Maranhão. Na casa de minha tia-avó, tia Ducarmo, entre tantas imagens de caboclos de pele morena e feições familiares ao imaginário brasileiro, uma figura me causava particular curiosidade: uma mulher branca, loira, representada sobre um navio, trazendo consigo uma âncora e um peixe. Havia alguma coisa naquela imagem que parecia deslocada e, ao mesmo tempo, perfeitamente integrada àquele universo. Eu ainda não compreendia quem era Mariana, mas sua figura permaneceu guardada em minha memória.

Somente muitos anos depois esse encontro ganhou sentido. Meu saudoso amigo paraense Babá Tayandô apresentou-me aspectos de sua tradição e falou-me sobre Mariana no universo da pajelança e da Encantaria amazônica.

Aquilo que na juventude fora apenas uma imagem misteriosa começou a revelar uma cosmologia muito mais ampla, na qual águas, matas, povos e culturas aparentemente distantes podiam encontrar-se no território religioso brasileiro.

Mariana é uma das chamadas princesas ou caboclas turcas, tradicionalmente relacionada a Herondina e Toya Jarina. Estudos contemporâneos analisam as três como importantes figurações do sagrado feminino na Encantaria amazônica e chamam atenção para o caráter profundamente transcultural de suas representações. São princesas estrangeiras que, ao atravessarem o universo mítico amazônico, tornam-se caboclas e encantadas brasileiras.

Esse detalhe é fundamental para compreendê-la. Mariana não cabe facilmente nas categorias rígidas com que costumamos organizar as religiões. É chamada princesa, turca e cabocla; pode apresentar dimensões ligadas à nobreza, à mata, à navegação e ao encantamento.

Há tradições nas quais aparece relacionada à arara cantadeira, enquanto relatos religiosos também enfatizam sua capacidade de transitar por diferentes domínios. Uma pesquisa sobre a Família da Turquia no Tambor de Mina registra justamente essa multiplicidade: Mariana pode assumir diferentes posições e atravessar diferentes "mundos", da mata ao mar. É nesse movimento que talvez esteja uma das chaves para compreender sua popularidade, pois Mariana atravessa fronteiras.

Na Amazônia, sua presença encontra a pajelança cabocla e os encantados; no Tambor de Mina, integra o complexo universo das famílias de encantaria; em diferentes terreiros de Umbanda, sua devoção ganha novas formas. Em Santarém, no Pará, por exemplo, uma pesquisa etnográfica documentou uma festa dedicada especificamente à Princesa Mariana e descreveu sua dança como elemento central do rito, interpretando-a como expressão dessa curiosa e fascinante "Turquia cabocla" reconstruída em território amazônico. Isso nos ajuda a entender por que seria equivocado procurar uma única Mariana, com atributos absolutamente iguais em todos os lugares. Como acontece com tantos encantados brasileiros, sua identidade é formada pela circulação das narrativas, pelas experiências dos terreiros e pelos diferentes territórios onde seu culto encontrou morada.

No Piaganismo, Mariana é reconhecida como uma encantada das águas, da navegação e do Povo do Fundo, sem que isso signifique reproduzir os fundamentos próprios da pajelança, da Mina ou da Umbanda. Sua presença ganha especial significado na Neptunália, quando Netuno encontra, na experiência piaga, as potências das águas brasileiras: Mães-d'Água, sereias, botos, Caruanas, *Akankuyã*, *Sinoapytanga* e outros encantados.

Hoje compreendo por que aquela mulher loira sobre um navio tanto me fascinava no congá de tia Ducarmo. Mariana é estrangeira e cabocla, princesa e encantada, expressão dessa espiritualidade brasileira capaz de transformar diferentes heranças no contato com experiências indígenas, africanas e populares. Primeiro mistério de minha juventude, depois apresentada pelas palavras de Babá Tayandô, Mariana finalmente encontrou lugar na espiritualidade piaga. A Bela Turca continua navegando entre mundos, culturas e gerações, e as águas brasileiras continuam reconhecendo sua passagem.